

## **Atividades diversificadas em um curso de extensão para professores em educação inclusiva**

*Diversified activities in an outreach course for inclusive education teachers*

**Mariza Sodré**

Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ)

**Georgianna Silva do Santos**

Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ)

**Maria de Fátima Alves-Oliveira**

Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ)

---

**Resumo:** Atualmente vivemos uma realidade de inclusão no ambiente escolar que necessita ser discutida para a busca de melhorias e bons resultados na aprendizagem. Acreditando que a formação continuada é imprescindível para o desenvolvimento profissional dos docentes, neste estudo foram apresentadas diversas atividades com viés inclusivo para professores em um curso de extensão, para que eles pudessem refletir sobre situações da sua realidade, exercendo uma postura investigativa perante os problemas práticos de uma escola inclusiva. O curso elaborado abrangeu quinze disciplinas, com uma carga horária total de 180 horas. Todas as disciplinas foram baseadas no debate e em atividades pertinentes à temática Educação Inclusiva. Diante dos resultados obtidos por meio das percepções dos docentes cursistas, percebe-se a relevância da utilização dos materiais diversificados voltados ao ensino de diversas disciplinas como instrumentos facilitadores no processo da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Atividades diversificadas. Formação Continuada. Educação Inclusiva.

**Abstract:** We are currently living a reality of inclusion in the school environment that must be discussed for improvement and better results in student learning. Believing that Continuing Education is essential for teachers' professional development, this study presented several inclusive activities for teachers in an outreach course so that they could reflect on situations in their reality, exercising an investigative stance in face of practical problems of an inclusive school. The devised course covered fifteen subjects, with a total workload of 180 hours. All subjects were based on the debate and activities related to Inclusive Education. Based on the results obtained through the teaching staff's perceptions, we perceived the relevance of using diversified materials aimed at teaching various courses as facilitating instruments in the learning process.

**Keywords:** Diversified activities. Continuing Education. Inclusive education.

---

## Introdução

Atualmente vivemos uma realidade de inclusão no ambiente escolar que necessita ser discutida para a busca de melhorias, no que diz respeito à infraestrutura e ao investimento no desenvolvimento profissional dos atores, pois estes contribuem de forma efetiva para bons resultados na aprendizagem escolar. Nesse sentido, a escola se destaca como um espaço de desenvolvimento para além do cognitivo, um espaço de socialização e enriquecimento do aluno (COELHO *et al.*, 2019) na direção de uma formação social, moral, cognitiva, afetiva, num determinado contexto histórico (GATTI, 2016).

Diante destes aspectos, a formação dos professores torna-se primordial, a fim de garantir um processo de ensino-aprendizagem que esteja de acordo com as singularidades de cada aluno. É imprescindível que os professores, durante sua formação, possam ter acesso ao processo de produção e socialização do conhecimento científico, artístico e filosófico mais desenvolvidos e elaborados. Isto é fundamental, de acordo com Rossi e Rossi (2020), para que alunos e professores possam refletir criticamente a sua atuação e a sua personalidade em suas várias mediações com a prática.

Gatti (2016) afirma que, mesmo com avanços a partir de programas desenvolvidos na última década, a questão da formação dos professores tem sido um grande desafio para as políticas governamentais, e um desafio que se encontra também nas práticas formativas das instituições que os formam. Sendo o contexto atual pautado numa sociedade inclusiva, a escola também tem passado por uma transição a fim de tornar-se acessível a todos. A inclusão refere-se a um processo em que a inserção é total e incondicional, exigindo para isso rupturas no sistema, transformações profundas, defendendo o direito de aprender de todas as pessoas com ou sem deficiência, com esta ou aquela cultura, com uma ou outra característica, estando atenta às suas necessidades (NAKAYAMA, 2019).

Há ainda um longo caminho a seguir para uma efetiva inclusão educacional no Brasil. O marco inicial deste processo foi a Declaração de Salamanca (ONU/UNESCO, 1994). Este documento foi criado para apontar aos países a necessidade de políticas públicas e educacionais que venham a atender a todas as pessoas de modo igualitário, independente das suas condições pessoais, sociais, econômicas e socioculturais. A Declaração destaca a necessidade da inclusão educacional dos indivíduos que apresentam necessidades educacionais especiais.

Em 1996, ocorreu a formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), com um capítulo específico para a Educação Especial. Este capítulo trata da formação dos professores, currículos, métodos, técnicas e recursos para atender às

necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Em 2015 foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que trata de diversos aspectos relacionados à inclusão. No capítulo IV, a Lei aborda o acesso à educação e traz avanços importantes, como a proibição da cobrança pelas escolas de valores adicionais pela implementação de recursos de acessibilidade. O texto relata que o sistema educacional deve ser inclusivo em todos os níveis, mas não cita explicitamente que a matrícula de alunos com deficiência deva se dar na rede regular em vez de escolas especiais, o que é um ponto de controvérsias.

Assiste-se a uma mudança conceitual sem o preparo técnico e político que defina a articulação entre o núcleo da educação especial e da educação regular pelo foco principal: a ação político-pedagógica de formação das crianças e adolescentes (NAKAYAMA, 2019). De acordo com Oliveira *et al.* (2020), por mais que a lei garanta uma educação de qualidade para todos e suporte aos docentes, ainda há um grande déficit no atendimento desses profissionais. Para que a inclusão aconteça, fazem-se necessárias propostas de atuação docente e estrutura capaz de atender a individualidade e necessidade dessas crianças.

A formação de professores é um assunto que tem sido motivo de preocupação entre acadêmicos que pesquisam sobre o tema educação inclusiva, além de ser alvo de várias políticas públicas (TAVARES *et al.*, 2016). Para Vitaliano (2007), a formação acadêmica dos professores universitários deve ser pensada de modo a contribuir para que desenvolvam uma prática pedagógica mais reflexiva e comprometida, ética e politicamente dentro das exigências do contexto atual. Os professores necessitam de preparo que vai além do conhecimento científico, sendo inevitável a formação continuada para atualização e mudança de paradigmas.

Tal mudança diz respeito ao que é observado atualmente, com a escola repleta de modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (MANTOAN, 2016). Neste cenário, a inclusão implica mudança desse atual paradigma educacional, para que a escola deixe de ser excludente e possa ser acessível a todos os estudantes, independente de terem deficiência ou não.

Acreditando que a formação continuada é imprescindível para o desenvolvimento profissional dos docentes inseridos numa sociedade que muda constantemente, o objetivo deste estudo foi apresentar diversas atividades com viés inclusivo para professores em um curso de extensão, para que eles pudessem refletir

sobre situações da sua realidade, exercendo uma postura investigativa perante os problemas práticos de uma escola inclusiva.

## **Percurso Metodológico**

Este estudo é de caráter descritivo com abordagem qualitativa e constitui um recorte dos primeiros resultados do projeto de doutorado do curso em Ensino em Biociências e Saúde da FIOCRUZ (RJ) da primeira autora. Foi desenvolvido em uma disciplina oferecida no Curso de Extensão em Educação Inclusiva (CEEI) no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *Campus* Mesquita em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, RJ). O *Campus* Mesquita-IFRJ tem como vocação a Divulgação Científica, configurando-se em um Centro de Ciências, o Espaço Ciência InterAtiva (ECI) na Baixada Fluminense.

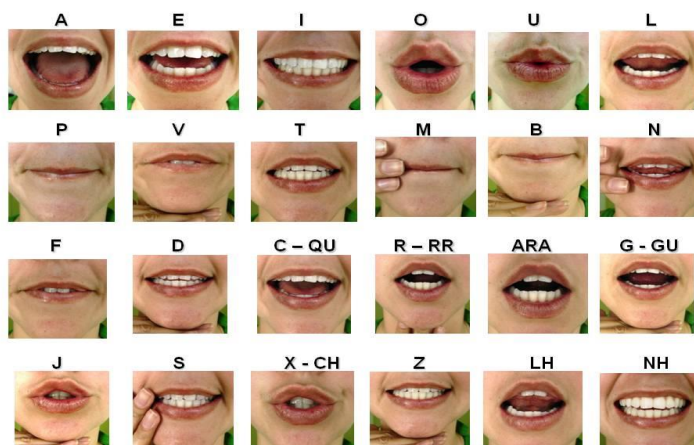
O curso elaborado abrangeu quinze disciplinas, com uma carga horária total de 180 horas. Todas as disciplinas foram baseadas no debate e em atividades pertinentes à temática Educação Inclusiva, além de discussões acerca das deficiências existentes e os meios para que estas não fossem empecilho para o processo ensino-aprendizagem. Neste texto, serão apresentados os primeiros resultados das atividades desenvolvidas em uma das disciplinas, cujo tema central foi “Atividades diversificadas para uma turma inclusiva”, com duração de 3 horas e meia.

A turma de 30 alunos docentes cursistas foi dividida em 5 grupos de 6 alunos, onde cada grupo pode desenvolver uma atividade no tempo de 50 minutos e, ao final, apresentá-la à turma, a fim de que todos pudessem observá-las. Ao final da aula, entregaram um relatório de avaliação, fornecendo material para investigação da eficiência das estratégias utilizadas.

Os temas das atividades abordavam assuntos a serem trabalhados em turmas inclusivas, desde o funcionamento do sistema nervoso até a aplicabilidade da leitura e escrita *Braille*. O objetivo foi aproximar os docentes cursistas de assuntos de interesse de todos os anos de escolaridade do Ensino Fundamental, com aplicabilidade prática para qualquer tipo de deficiência. Todos os materiais utilizados no decorrer das atividades pertenciam ao professor pesquisador que os distribuiu entre os grupos no início da atividade. Para realização da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde e aprovado sob o parecer (CEP/Fiocruz) de nº 18148719.2.0000.5248.

## **Linguagem Oral: das letras aos fonemas**

Nessa atividade os participantes escolhem uma palavra de uma das quatro categorias de classificação quanto ao número de sílabas (monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas). Os cursistas devem escolher as imagens que representem os movimentos fonoarticulatórios (Figura 1) que refletem a pronúncia da tal palavra escolhida.



**Figura 1:** Fotos das bocas em posição fonoarticulatória<sup>1</sup>

Estas imagens devem ser organizadas em sequência e, assim, servir de representação visual da palavra falada – o mesmo princípio de interpretação da leitura labial. Para facilitar a identificação da imagem que melhor representa o movimento fonoarticulatório de um dado fonema, o jogador pode observar sua própria articulação ao pronunciar o som fazendo uso de espelho e outros recursos sensoriais. O professor, no entanto, deverá possuir um gabarito contendo as posições fonoarticulatórias de determinados fonemas que são correspondentes a uma palavra que será sorteada, contendo a sequência correta da palavra, por meio de uma numeração que está contida nas fotos das bocas (Figura 1).

Os materiais utilizados são: fotos de bocas em posição fonoarticulatória correspondente a cada fonema da língua portuguesa brasileira (26 fonemas); imagens de objetos que representam palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas; gabarito com as respostas das posições das bocas sobre os fonemas dos objetos; espelhos com ampliação de 5 vezes a imagem para auto-observação dos movimentos fonoarticulatórios do jogador. Os objetivos da atividade são: demonstrar, através da ludicidade, a importância do desenvolvimento da linguagem oral para aquisição da linguagem escrita no sistema alfabético do português brasileiro; apresentar os aspectos fonéticos e fonológicos a partir de uma visão neurocientífica, incluindo o processamento da linguagem falada e sua relação com a língua escrita; descrever a participação das percepções táteis, visuais, auditivas e cinestésicas na produção fonoarticulatória e no desenvolvimento das habilidades metafonológicas (reconhecer, discriminar e manipular os sons da fala).

## Capacete do cérebro

Essa atividade tem por finalidade auxiliar no ensino das funções e localizações das estruturas corticais, de maneira lúdica e divertida; elucidar as diferenças entre Área de Broca (expressão da linguagem) e Área de Wernicke (compreensão da linguagem). O intuito principal é dar a base à neurociência e contextualizar com situações e ocasiões comuns ao dia a dia. Para fazer o Capacete do Cérebro, é necessário baixar o arquivo do site indicado na figura 2 e imprimi-lo direto em uma impressora A3 ou em metades em uma impressora que utilize papel A4 (mais comum). Após a impressão, colorir, recortar com o auxílio de uma tesoura, montar com fita adesiva ou cola. Os materiais utilizados são: papel impresso do capacete do cérebro; giz de cera ou lápis de cor; tesoura; durex.

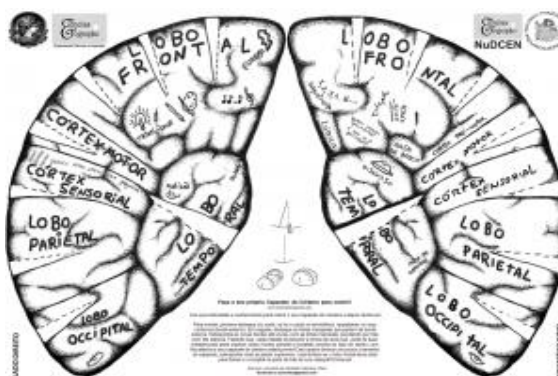


Figura 2: Capacete do cérebro<sup>ii</sup>

## Prosódia emocional

Para essa atividade, o participante deve colocar o chapéu (ou capacete) na sua cabeça e logo depois sortear uma carta que indica um tipo de emoção (alegria, tristeza, medo, surpresa, raiva e nojo). Em seguida, colocar a carta no capacete do adversário sem que o próprio veja (poderá ser utilizado uma forma de acoplagem como o velcro), o adversário fará o mesmo. Ambos então terão que ler uma frase que está numa carta que também será sorteada para os participantes (ex. A porta está fechada) introduzindo entonações e recursos prosódicos correspondentes à emoção da carta que está presa ao capacete, e com isso, os participantes deverão identificar a emoção que está sendo expressa (Figura 3).

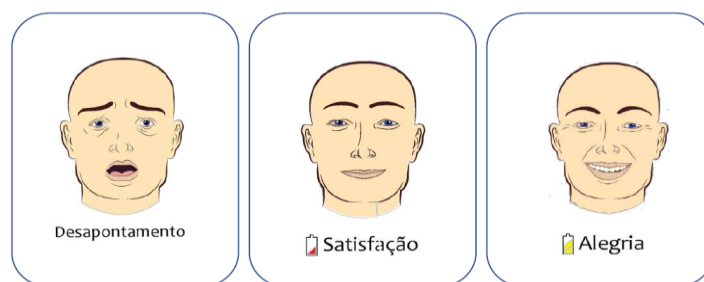


Figura 3: Exemplos de cartas de emoção<sup>iii</sup>

São utilizados dois pares de capacetes do cérebro com pedaço com algum tipo de acoplagem para a carta da emoção (ex: velcro, durex), fichas com a representação das emoções e cartas com frases de conteúdo linguístico (frases neutras). Dentre os objetivos, estão: apresentar os aspectos neurológicos envolvidos na expressão e compreensão de estados emocionais a partir da análise de aspectos prosódicos da fala e da linguagem corporal; ressaltar a importância da integração das atividades inter-hemisféricas do cérebro para a comunicação. A entonação e/ou a expressão facial para a comunicação interpessoal, quando prejudicadas podem ser sinais de alerta para quadros de alterações no uso da linguagem (ex: TEA – Transtorno do Espectro Autista).

## Jogo Face a Face

Este jogo contém um tabuleiro com os elementos de reconhecimento de faces (sobrancelhas, olhos, nariz, boca, formato do rosto, cabelo e acessórios). Este é colocado na frente dos jogadores, de tal forma que todos possam vê-lo da mesma posição. Cada jogador tem 15 segundos para prestar atenção em uma das cartas. Após esse tempo, olhando apenas para o tabuleiro, os jogadores reproduzem, numa folha de papel, a imagem vista. Cada desenho recebe 1 ponto para cada elemento correto (máximo de 7 pontos por partida). É importante acertar o elemento. Não é preciso que o desenho fique perfeito (Figura 4).

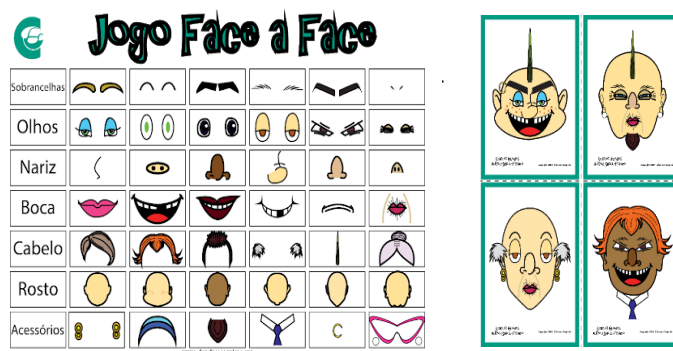


Figura 4: Tabuleiro e algumas cartas do jogo Face a face<sup>iv</sup>

Esta atividade faz com que, através de um jogo, os participantes utilizem sua memória visual e atenção, a fim de que ocorra também o desenvolvimento de habilidades motoras, voltadas para o desenho. Além disso, há o estímulo da percepção das expressões faciais.

## Leitura e Escrita Braille

O participante é apresentado ao sistema de código de leitura e escrita Braille através de um jogo com o alfabeto. Ele, então, utiliza esse conhecimento para formar um código de linguagem baseado na combinação entre 06 pontos dados em celas Braille (Figura 5). Para a realização desta atividade, são necessários: um jogo com o alfabeto Braille, reglete e punção e mesa para apoio.


Este material visa esclarecer que o alfabeto Braille é um sistema de leitura e escrita com pontos em alto relevo numa superfície, que representa qualquer alfabeto convencional e que podem ser “lidos” pela pele, normalmente pelas pontas dos dedos. Mostrar que esse sistema não é exclusivo para pessoas cegas.



**Figura 5:** Professores cursistas utilizando o material de Leitura e escrita Braille

Ao final da aula, após trocarem as experiências das atividades desenvolvidas por cada grupo, os cursistas responderam a um questionário de avaliação (Figura 6), o que permitiu às pesquisadoras analisarem estes achados em conjunto com a avaliação processual realizada no decorrer da disciplina. Os resultados gerados foram discutidos à luz do referencial teórico.





**AVALIAÇÃO SEMANAL DE AULA**

Nome: \_\_\_\_\_  
Série em que leciona: \_\_\_\_\_  
Título da aula: \_\_\_\_\_  
Palestra: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

**PARTE I**

Numa escala de 1 a 5, sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito, qual a sua avaliação sobre a aula quanto ao:

Desenvolvimento do curso	Nota
Conteúdo apresentado	
Habilidade em criar interesse pelo tema	
Clareza na apresentação	
Uso de exemplos práticos	
Uso de técnicas didáticas adequadas ao conteúdo	
O conteúdo se aplica na sua sala de aula?	
Uso do tempo de aula	

O que você mais gostou nessa aula? Por quê?  
Você sugere alguma mudança nessa aula? Qual seria essa mudança?

**PARTE II**

Faça um resumo crítico da aula: \_\_\_\_\_

Figura 6: Modelo da avaliação final da aula

## Resultados e Discussão

As informações coletadas neste estudo tiveram como objetivo analisar as reflexões dos docentes cursistas sobre as atividades propostas em uma aula do Curso de Extensão em Educação Inclusiva. Brabo e Souza (2019) destacam a importância das atividades diversificadas em sala de aula, visto que ressaltam a importância de os estudantes “construírem” seus conhecimentos interagindo com professores, colegas e materiais didáticos de forma ativa e interessada, e não apenas recebendo passivamente informações a serem memorizadas.

### Atividades diversificadas

Inicialmente, ao se depararem com a atividade “Linguagem Oral: das Letras aos Fonemas”, os docentes cursistas mostraram-se animados, em especial para trabalharem com alunos surdos, visto que puderam perceber a dificuldade de realizar leitura labial para compreensão das palavras. A dificuldade na montagem das palavras através das fotos das bocas em posição fonoarticulatória (Figura 1), fez com que eles percebessem o quanto esta proposta de atividade pode atingir a todos os alunos, surdos ou não, trazendo esta situação para uma realidade inclusiva.

Ribeiro e Horta (2019) afirmam que quanto mais se treinar uma capacidade cognitiva mais sucesso terá cada criança. Está provado que as dificuldades da aprendizagem da leitura e da escrita estão associadas à pouca prática ou ao fracasso de tarefas referentes à consciência fonológica. Há evidências de relação entre diferentes

habilidades de linguagem oral e a posterior aquisição de leitura e escrita (CAPOVILLA & DIAS, 2008).

A escola tem a função de propiciar experiências com a linguagem escrita e estimular a reflexão intencional da criança a respeito das relações entre a linguagem oral e a escrita (Justino & Barrera, 2012). As observações dos professores em relação a este fato podem ser constatadas na colocação escrita na avaliação final da aula: “O que foi mais pertinente nessa aula é ter conhecido como a área de fonoaudiologia pode nos ajudar nas atividades de alfabetização e letramento, podemos encontrar materiais diversos que nos auxiliem”.

Profissionais de Educação Infantil frequentemente recomendam que educadores adotem práticas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral nos currículos (SARGIANE & MALUF, 2018). De acordo com Capovilla e Dias (2008), ler e escrever são habilidades muito próximas e inter-relacionadas, daí a importância da valorização da linguagem oral, tal como nesta atividade.

Tais interações foram percebidas entre os docentes durante a atividade “Capacete do Cérebro”; as estratégias para o seu desenvolvimento foram observadas no diálogo entre eles como possibilidade de trabalhar este conhecimento de forma lúdica numa turma inclusiva. Os professores de Ciências afirmaram, por diversas vezes, que trabalharão com este material em suas aulas sobre o Sistema Nervoso. Os demais observaram a importância de reconhecer a localização, no cérebro, das diversas áreas do conhecimento, possibilitando o entendimento da necessidade da interdisciplinaridade.

De acordo com Rissardo *et al.* (2017), o ensino de neurociências nas escolas brasileiras recebe pouca atenção, seja em fases iniciais ou até mesmo no ensino médio. Sabe-se que a alfabetização em neurociências é extremamente importante para a vida cotidiana e ajuda os indivíduos a entenderem melhor a si mesmos, a tomar decisões críticas e a serem conscientes sobre saúde e uso de drogas, a participar de maneira formada em questões governamentais e sociais, a entender avanços científicos (ZARDETTO, 2002).

É sabido que, dentre os diferentes sinais não-verbais de expressão da emoção, as expressões faciais são aquelas com maior destaque, mediando boa parte das interações sociais e da comunicação não-verbal (COSTA-VIEIRA & SOUZA, 2014). Os professores cursistas ficaram sensibilizados na realização da atividade “Prosódia emocional”; um dos docentes afirmou: “A prosódia emocional pode tornar o processo de ensino-aprendizagem menos maçante e mais lúdico para os discentes”. Ainda de acordo com Costa-Vieira & Souza (2014), caracterizada como a entonação ou a modulação da voz, a prosódia possui caráter essencial para comunicação humana, acrescentando informações além do contexto semântico transmitido.

Sabe-se, também, que o poder de reconhecimento e expressão pode ser mediado pela exposição às regras culturais que estimulam ou dificultam essas habilidades (ELFENBEIN, 2013). Com isso, nota-se a importância desta atividade para o desenvolvimento emocional e empatia para os alunos de todas as idades, séries e etapas do desenvolvimento.

Como alternativa de desenvolver estas habilidades nos alunos, os docentes cursistas tiveram a oportunidade de discutir as possibilidades que o “Jogo Face a Face”, enquanto material didático lúdico, poderia contribuir para uma aprendizagem inclusiva. Neste jogo, os professores associaram esta atividade a uma criança que talvez não conseguisse desenhar e sugeriram que ela apontasse para um papel plastificado que também contém as imagens das partes do rosto, a fim de que fosse possível que ela pudesse reconhecer os elementos faciais, mesmo com pouco desenvolvimento motor, dando a oportunidade de uso desta ferramenta em uma turma inclusiva.

A introdução de jogos no cotidiano escolar é muito importante, devido à influência que exercem frente aos alunos, pois quando estão envolvidos emocionalmente na ação, torna-se mais fácil e dinâmico o processo de ensino e aprendizagem (SANTANA; REZENDE, 2008). Acredita-se que o uso de jogos de regras deve ser incentivado no contexto escolar, como importante ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento (PINHEIRO *et al.*, 2016).

Uma outra atividade denominada “Leitura e Escrita Braille” tinha objetivo de atender tanto os alunos cegos quanto os videntes. O grupo que fez a análise deste material sugeriu o uso em um jogo de forca com os materiais de leitura e escrita *Braille*. Além disso, observou-se que a maioria dos docentes cursistas nunca tinha tido contato com esse tipo de material, o que contribuiu para o entendimento das dificuldades dos alunos portadores de deficiência visual.

O uso destas ferramentas fez com que os professores colocassem no debate a importância delas se expandiram para os mais diversos ambientes de ensino. É necessário que se reconheça, na ciência, na sociedade, na cultura, um modo particular de ser e estar no mundo, que não é “desgraça” nem patologia, mas, antes, um modo de ser e de estar no mundo que produz conhecimento e colabora com o conhecimento global constituído (SOUZA, 2018). Nascimento & Bocchiglieri (2019) salientam que se percebe a necessidade de desenvolver estratégias de acessibilidade pedagógica, no que se refere aos materiais didáticos, que atendam às necessidades dos estudantes com deficiência visual através do uso do Sistema *Braille* e das novas tecnologias de maneira a promover uma Educação Inclusiva.

## **Avaliação final da aula**

Dos 30 participantes, apenas 16 entregaram a avaliação final da aula. O gráfico 1 demonstra a opinião destes cursistas em relação aos itens: Conteúdo apresentado; Clareza na apresentação; Uso de técnicas didáticas adequadas; Habilidade em criar interesse pelo tema; Uso de exemplos práticos; e o questionamento se o conteúdo se aplica na sala de aula dos docentes cursistas. A escala utilizada está relacionada ao nível de satisfação, sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito.



**Gráfico 1.** Avaliação dos docentes cursistas na Aula sobre Atividades diversificadas em um curso de extensão em Educação Inclusiva

Observa-se, no gráfico 1, que todos os 16 participantes que avaliaram ficaram muito satisfeitos com o conteúdo e a clareza na apresentação, com o uso de exemplos práticos e com a aplicabilidade do conteúdo em sala de aula. Em relação às avaliações correspondentes ao uso de técnicas didáticas adequadas, habilidade em criar interesse pelo tema e uso do tempo em sala de aula, apenas 1 opinou como satisfeito, e 15 deles, muito satisfeitos.

A avaliação positiva dos docentes cursistas, aliada aos debates promovidos ao longo da aula, trazem consigo importantes constatações, sobretudo a contribuição com a reflexão dos professores sobre os mais diversos temas explorados, dentre elas, a de que, ao compreenderem os objetivos e eficácias das atividades, os mesmos poderão inseri-las em suas práticas docentes em turmas inclusivas. Andrade *et al.* (2018) consideram que, no ambiente da educação inclusiva, o fator fundamental é a presença de um professor atento e disposto a auxiliar os alunos com deficiência a adquirirem competência na realização das atividades propostas na escola. A divisão da turma em grupo, com a apresentação deles ao final da aula, possibilitou que as dúvidas fossem sanadas e as sugestões incorporadas para posterior utilização.

## Considerações finais

A concepção de inclusão escolar no contexto da educação especial é muito mais ampla do que simplesmente inserir esse público no ensino regular; implica em repensar a escola posta, de forma que assegure a todos e todas o direito a aprender (COELHO *et al.*, 2019).

Para nortear os professores que se inscreveram no curso de extensão em Educação Inclusiva disponibilizado pelo IFRJ (*Campus* Mesquita), foram apresentadas a eles atividades diversificadas que pudessem ser aplicadas em suas respectivas salas de aula. Pode-se notar que a preparação de modelos didáticos se faz necessário quando intuito é incentivar e aprimorar o aprendizado dos alunos e facilitar o processo de ensino pelos docentes. Diante dos resultados obtidos por meio das percepções dos docentes cursistas do curso em Educação Inclusiva, percebe-se a relevância da utilização dos materiais diversificados voltados ao ensino de diversas disciplinas como instrumentos facilitadores no processo da aprendizagem.

Durante toda a aula, os docentes cursistas destacaram que as atividades diversificadas favoreceram a assimilação dos conceitos e facilitaram a assimilação de conteúdo, de forma que podem ser aplicadas em uma turma inclusiva, seja mediante ao uso da pintura, da interpretação das emoções, dos jogos em braile ou do reconhecimento dos elementos faciais.

Enquanto docentes da Educação Básica, esperamos que as atividades exploradas no curso de Formação Continuada alcancem um maior número de alunos possível e que possam ser desenvolvidas de acordo com o contexto de trabalho do professor que desejam experimentar. Porém, reformulações destas ou produções de outras atividades para atender as singularidades da sala de aula são necessárias para um ensino realmente inclusivo.

## Referências

ANDRADE, M.M.A.; SANTOS, C.B.; ARAÚJO, R.C.T. Percepção de competência, em situação de atividades diversificadas na perspectiva dos professores e de seus alunos com e sem deficiência física. **Rev. Terapia Ocupacional** Univ. São Paulo. set.-dez.;29(3):246-53, 2018.

BRABO, J.C.; SOUZA, V.J.O. Atividades construtivistas diversificadas para introdução à Química: um estudo em uma escola da Amazônia ribeirinha. **RBECM**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 25-43, jan./jul. 2019.

BÁFICA, A.P.S. Educação inclusiva: uma análise sobre inclusão escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, n 128, 2012.

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146**, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm); Acesso em: 23/07/2020.

- CAPOVILLA, A.G.S.; DIAS, M.N. Habilidades de linguagem oral e sua contribuição para a posterior aquisição de leitura. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 9, nº 2, p. 135-144, Jul./Dez. 2008.
- COELHO, C.P.; SOARES, R.G.; ROEHRS, R. Visões Sobre Inclusão Escolar no Contexto de Educação Especial: PCN X BNCC. **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 8, n. 2, p. 158-174, mai./ago. 2019.
- COSTA-VIEIRA, H.A.; SOUZA, W.C. O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: Investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem. **Estudos de Psicologia**, 19(2), p. 89-156, abril a junho, 2014.
- ELFENBEIN, H. Nonverbal dialects and accents in facial expressions of emotion. **Emotion Review**, 5(1), 90-96, 2013.
- GATTI, B.A. Formação de professores: Condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016.
- JUSTINO, M. I. S. V., & BARRERA, S. D. Efeitos de uma intervenção na abordagem fônica em alunos com dificuldades de alfabetização. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 28(4), 399-407, 2012.
- MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- NAKAYAMA, A.M. **Educação Inclusiva: Fundamentos e perspectivas**. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- NASCIMENTO, L. M. M.; BOCCHIGLIERI, A. Modelos didáticos no ensino de Vertebrados para estudantes com deficiência visual. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 25, n. 2, p. 317-332, 2019.
- OLIVEIRA, I.T.T.; FEITOSA, F.S.; MOTA, J.S. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: Desafios da prática docente. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.8, p.81-95, 2020.
- ONU/UNESCO. **Declaração de Salamanca**, 1994. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>, acessado em 23/07/2020.
- PEREIRA, G. R., NASCIMENTO, G. V. S., SILVA, C. M. G., NASCIMENTO, A.S. **Aperfeiçoamento e Desenvolvimento de áreas temáticas do Espaço Ciência InterAtiva do IFRJ**. Projeto de Pesquisa, FAPERJ, 2010.
- PINHERO, S.N.S.; DAMIANI, M.F.; JUNIOR, B.S.S. O Jogo com Regras Explícitas Influencia o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores? **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 2, p. 255-263. Maio/Agosto, 2016.
- RIBEIRO, A.O.; HORTA, M.H. A conquista das palavras por crianças de 4 anos: uma etapa no desenvolvimento da consciência fonológica. **Invest. Práticas**, 9(1), 69 – 80, 2019.
- RISSARDO, J.P.; CAPRARA, A.L.F; PRADO, A.L.C. Projeto Semana Nacional do Cérebro: uma proposta neurocientífica. **Experiência**, Santa Maria, UFSM, v. 3, n. 1, p. 86-100, jan./jul. 2017.
- ROSSI, R.; ROSSI, A.S. **Educação escolar e formação de professores: a prática da crítica e a crítica da prática**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

SANTANA, E.M.; REZENDE, D.B. O Uso de Jogos no ensino e aprendizagem de Química: Uma visão. **XIV Encontro Nacional de Ensino de Química (XIV ENEQ)**. 21 a 24 de julho, 2008.

SARGIANI, R.A.; MALUF, M.R. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 22, Número 3, setembro /Dezembro de 2018.

SARTORETTO, M. L. Inclusão Escolar: um direito de alunos com e sem deficiência. **Portal Só Pedagogia**, 2008. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/inclusaoescolar/> Acesso em 19 de Agosto 2020.

SOUZA, J.B. Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: Apontamentos de uma Trajetória. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 38. n°3, 564-571. Jul/Set, 2018.

VITALIANO, C.R. Análise da necessidade de preparação pedagógica de professores de cursos de licenciatura para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.13, n.3, p.399-414, 2007.

ZARDETTO-SMITH, Andrea M. Brains rule! Fun= learning= neuroscience literacy. **The Neuroscientist**, v. 8, n. 5, p. 396-404, 2002.

---

#### NOTAS:

<sup>i</sup> Fonte: <https://www.papodaprofessoradenise.com.br/alfabetizacao-e-o-metodo-das-boquinhas/>

<sup>ii</sup> Fonte: <http://www.cienciasecognicao.org/min/?p=6627>

<sup>iii</sup> Fonte: <http://www.cienciasecognicao.org/min/wp-content/uploads/2019/07/conjunto-de-faces-emoções.pdf>

<sup>iv</sup> Fonte: <http://www.cienciasecognicao.org/min/wp-content/uploads/2016/01/face-a-face-1.png>

---

#### Sobre as autoras:

**Mariza Sodré** é aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) / Instituto Oswaldo Cruz (IOC) / FIOCRUZ (RJ).

**Georgianna Silva do Santos** é Bióloga e Doutora em Ciências. Atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) / Instituto Oswaldo Cruz (IOC) / FIOCRUZ (RJ).

**Maria de Fátima Alves-Oliveira** possui graduação em Ciências Biológicas pela UFRJ (1977), bióloga (modalidade Genética) pela UFRJ (1978), Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996) e Doutorado em Ensino de Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (2008). É docente permanente no Programa em Ensino em Biociências e Saúde (lato e stricto sensu - IOC/Fiocruz) no Laboratório de Avaliação em Ensino e Filosofia das Biociências (LAEFIB-IOC).

Recebido em: 27/08/ 2020

Aceito para publicação em 20/11/2020